

Campeão das doações, mas até quando?

Portugal é o segundo país em todo o mundo com mais doações de órgãos por milhão de habitantes: 30,4. Mas quanto tempo vai durar este sucesso é a dúvida que já atormenta muitos dos envolvidos neste desafio. Em outubro, a colheita nacional de órgãos em cadáveres para serem transplantados nos doentes que se encontram em lista de espera atingiu um mínimo histórico. Foram colhidos apenas 10 órgãos. E, este ano, em 10 meses, foram realizados menos 87 transplantes do que no mesmo período de 2010. Ainda é cedo para ter certezas, mas, em agosto, as verbas do Ministério da Saúde para esta área — os chamados “incentivos aos transplantes” — foram reduzidas para metade. Na altura, a responsável da Autoridade para os Serviços de Sangue e da Transplantação (ASST), Maria João Aguiar, demitiu-se por não aceitar que, segundo afirmou, “haja doentes que se podem salvar mas vão morrer porque o país está em dificuldades económicas”. Confrontada com a redução dos transplantes e das recolhas, a ASST alertou recentemente que o número de potenciais dadores tem vindo a diminuir. Em 2010 foram realizados 573 transplantes renais em Portugal, mas há 2200 portugueses à espera de um rim. Em toda a Europa, há mais de 56 mil pessoas a aguardar um órgão. E, segundo estatísticas da Comissão Europeia, todos os dias morrem cerca de 10 pessoas à espera de um transplante. No caso das doenças renais, os estudos demonstram que somente 9% dos pacientes submetidos a mais de 10 anos de diálise conseguem sobreviver. Mas, desde 2007, a lei portuguesa permite que qualquer pessoa possa ser um dador vivo, independentemente dos laços de consanguinidade.

Desta forma, asseguro-me que continuo a ser o dono da minha própria vida.”

Gratidão e dívida são palavras que não constam do dicionário desta família. “As dádivas foram feitas com a maior naturalidade. Eles sabem, e eu também, que eu teria feito o mesmo por eles”, explica André. E remata o assunto com uma afirmação sem contestação possível: “Eles sentiram o regresso da minha saúde como a maior prenda possível. Juntos nós celebramos a vida. A gratidão não é algo material, é um sentimento, e a expressão não verbal desta gratidão mostra-nos o que realmente interessa.” Não há palavras para explicar o que explicado está.

Futuro é para depois. André e José não conversam sobre a possibilidade de um divórcio: “São quase trinta anos de felicidade em conjunto! Para nós, esta é uma questão hipotética.” E se acontecer? “É aceitar o que é imutável e seguir em frente, como sempre. José salvou a minha vida e, numa situação impensável destas, talvez sirva de consolação a afirmação do Talmude — um dos livros sagrados dos judeus: ‘Quem salva a vida, salva o mundo’.”

E se a doença voltar? “Terei as mesmas opções das outras vezes: morrer, fazer diálises intermináveis, angustiar-me e esperar por um órgão de um dador morto ou receber um órgão de um dador vivo.” Ele confessa que a última opção já não parece muito viável, porque não há mais parentes próxi-

mos a quem recorrer. Logo se verá. Mas André não perde tempo a pensar na morte. “Já não”, diz ele. Mas pensava, “quando estava seriamente doente”. Porque estar próximo da morte fê-lo preocupar-se mais com a vida. E estar mais atento. “Esta experiência enriquece-nos tremendamente. Morrer é a única certeza que temos. A única diferença é o facto de eu ser mais jovem do que a média dos homens que estão próximos da morte. Mas acredito que esta é mais uma vantagem do que uma desvantagem”, desabafa André ao Expresso.

Todo este percurso está no livro “Dançando na Areia — A Prenda do Tempo”. Um depoimento político e crítico, como é definido pelo próprio André Bek. Uma forma de atrair as atenções para a importância da doação de órgãos (ver caixa). Porque, defende, “quando alguém que amamos está seriamente doente e necessita de um órgão é preciso recordar: quanto mais se dá, mais se recebe”.

A lista de coisas que ainda lhe falta fazer é grande de mais para enunciar, afirma André. Parece tudo muito simples, mas é imenso para quem poderia já não estar por aqui: “Procurar o desenvolvimento profissional e pessoal, explorar o mundo, escrever outro livro, defender a causa da doação de órgãos, aumentar o círculo de amizades, dançar para as estrelas, amar-nos até a morte e para além dela...” Quanto a arrependimentos, também este é um tema que não ocupa espaço na cabeça deste casal. Ficam, sim, desejos, por mais utópicos que possam parecer: “Que a escassez de órgãos se transforme em abundância, que o amor entre as pessoas seja considerado um valor fundamental, não em palavras mas em dádivas. Que este exemplo de vida sirva para modificar as mentalidades.”

Para já, a família deles vai comemorando mais quatro aniversários do que apenas o do nascimento de André. “Todos os anos celebramos de forma simples, ao entardecer, com um brinde.” Este ano, a festa foi no mar. Um prémio de um programa da televisão holandesa do tipo “cumpra o seu maior desejo” juntou recetor e dadores num cruzeiro transatlântico entre a Europa e Porto Rico. Era um dos sonhos de André. Já não foi a tempo para o pai dele. “Ele estava connosco em pensamento e, todas as noites, lançávamos uma pedra ao mar em sua memória”, segreda-nos este homem, que, por alguma razão, viveu para contar a arte de saber receber. ■

camartins@expresso.imprensa.pt



Desejos? “Que o amor entre as pessoas seja considerado um valor fundamental, não em palavras mas em dádivas”